

A EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA MÍDIA TELEVISIVA: estudo de caso sobre o repórter Daniel Toco¹

Eugenia Victal Barbosa Berbert²

RESUMO

Neste estudo, abordo como os veículos de comunicação falham na inserção de profissionais com alguma deficiência em funções de ampla visibilidade pública, apesar do sistema de cotas e, assim, não há inovam na práxis. Aqui, nosso objeto é o repórter Daniel Toco, da TV Record, que é pessoa com deficiência e atua fazendo reportagens, sendo um dos raros casos na tv brasileira. Aqui, proponho debatermos e problematizarmos o caso desse profissional como exemplo, em um recorte de três reportagens que ele desenvolveu, contextualizando, também, o cenário de inclusão na mídia televisiva na Paraíba, como amostra regional, e no Brasil, já que o personagem tem abrangência nacional. No aspecto inclusivo, o foco deste estudo de caso é valorizar a inserção do profissional com deficiência sem o aspecto piedoso, espetacularizado e, também, destacar a necessidade de lidar de forma mais enfática com a inclusão na mídia televisiva ao inserir a temática e as pessoas com deficiência. Assim, envolve-se, também, a sociedade, apresentando a possibilidade de novas práticas, desfazendo padrões pré-estabelecidos e promovendo, através da mídia, a inclusão pelo seu papel como agente social.

Palavras-chave: Inclusão. Mídia. Televisão. Jornalismo inclusivo.

INTRODUÇÃO

Iniciemos nossa reflexão acerca das diferenças entre teoria e prática, no que diz respeito à lei 13146 de 2015, sobre pessoas com deficiência. A lei estabelece que empresas com 100 ou mais funcionários devem ocupar de 2 a 5% das vagas com pessoas com deficiência (incluindo, nesse percentual, os reabilitados), visando a inserção social desses indivíduos na cadeia produtiva.

Porém, na prática, a teoria tem se mostrado diferente. Ao passo que percebemos a inclusão de outros segmentos nos veículos de comunicação e seus respectivos produtos midiáticos, a exemplo da participação das mulheres e negros, as pessoas com deficiência não têm alcançado a exposição e o que essa visibilidade representaria. Na contramão das bandeiras ideológicas pelas minorias, as pessoas com deficiência ficariam restritas a funções com pouca ou nenhuma projeção, ocultadas da visibilidade do grande público. Considerando, então, a Paraíba, como amostra regional, vamos ao perfil das emissoras em relação às pessoas com alguma deficiência desempenhando função no vídeo: em pesquisa local, até março de 2022, entre as emissoras do estado, a saber, TVs Cabo Branco/Paraíba –

¹ Trabalho apresentado no GT Mídias alternativas e novas práticas jornalísticas no II Comertec Internacional e V Comertec Jr. do Grupo de Pesquisa, Comunicação, Mercado e Tecnologia (COMERTEC), realizado de 16 a 18 de junho de 2022, em formato virtual, organizado pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² Jornalista, publicitária, pós-graduada em Marketing, professora de Jornalismo, âncora de telejornalismo por mais de 12 anos nas afiliadas Globo e Record em João Pessoa/PB. Cadeirante desde 2020 por doença rara, tornou-se a Primeira Jornalista Inclusiva do Norte, Nordeste e Centro-oeste do país com o primeiro projeto jornalístico totalmente inclusivo desde 2021, “Jornalismo IN”, veiculado em mídia televisiva e desenvolvido em redes sociais. @eugeniavictal eugeniavictaltv@gmail.com

Afiliada Globo, TV Correio / Afiliada Rede Record, TV Tambaú / Afiliada SBT, TV Arapuan / Afiliada RedeTV, TV Manaíra / Afiliada BAND, não havia **nenhum** profissional de jornalismo com deficiência atuando na mídia televisiva. Não só na contemporaneidade, como não há registros de ter havido. Neste ponto, concerne o debate: sendo, os veículos de comunicação, porta-vozes da sociedade, por que, eles mesmos, não incluem este segmento em seus holofotes e microfones, já que 27,76%, segundo o IBGE, da população paraibana declara possuir incapacidade permanente, sendo a região do Nordeste com maior número de pessoas com deficiência?³ Nesse estudo, apresento a realidade brasileira não inclusiva na mídia televisiva, bem como os raros casos de profissionais que atuam com visibilidade, analisando, como objeto de estudo, o repórter Daniel Toco, da TV Record.

REVISÃO DE LITERATURA

Daniel Toco, repórter da TV Record desde 2020, nasceu sem a maior parte do braço direito, por má formação congênita e, daí, o apelido “Toco”, incorporado, por ele mesmo, ao seu nome, publicamente. Foram selecionadas 3 reportagens de Daniel Toco para análise, a fim de evidenciar que a pessoa com deficiência tem total capacidade de exercer suas funções na televisão de forma eficaz e inovadora.

- Reportagem 1: <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/cidade-alegre-daniel-toco-vai-as-ruas-para-espalhar-o-clima-natalino-23122020>>.
- Reportagem 2: <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/cidade-alegre-daniel-toco-salta-de-paraquedas-com-familia-paraquedista-03032021>>.
- Reportagem 2: Daniel entrevista um surfista que perdeu os braços, após sofrer um acidente com descarga elétrica: <<https://www.youtube.com/watch?v=uyMHt-UaQZo>>.

O objetivo, que traz a problemática em si, é tentar responder os questionamentos, tais como: de que maneira a inclusão proporciona, também, novas práticas jornalísticas? Como a atuação de Daniel Toco, nosso objeto de estudo, é tratada? De que forma é possível desfazer padrões pré-estabelecidos através da inclusão da pessoa com deficiência?

O processo de inclusão da pessoa com deficiência ainda permeia a obrigação legal, distante da consciência social voluntária, o que é discutido em Lopes e Rech (2013).

Dessa forma, inclusão como imperativo implica, pelo seu caráter de abrangência e de imposição a todos, que ninguém possa deixar de cumpri-la, que nenhuma instituição ou órgão público possa dela declinar. Sem mais discutir a pertinência ou não da inclusão, o Estado cria condições de materialização de ações reconhecidas como inclusivas, visando garantir a participação de todos em distintos espaços (Lopes; Rech, 2013, p. 212-213).

³ Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/04/Resolucao-39-AnexoPlano-8_-Regi_o-de-Sa_de-PcD-06.09-Corrigido.pdf>. Acessado em: 11 de junho de 2021.

Assim, com a análise das três reportagens aqui sugeridas, promoveremos o debate sobre novas práticas jornalísticas necessárias através da inclusão. Deste modo, busca-se arquitetar aprendizados e formas de inserir hábitos e convenções inclusivos e a quem se destinam, revendo discursos e promovendo a inclusão efetivamente. Foucault (2008a, p. 5), declara que “em vez de partir dos universais para deles concluir fenômenos concretos, ou, antes, no lugar de tomar os universais como grade de compreensão imposta para certas práticas reais, gostaria de partir dessas práticas concretas e, de certa forma, que os universais passam pela grade das práticas”. Os elementos fora do padrão implantado são administrados por políticas múltiplas, através de probabilidades e incertezas. Isso, pela percepção coletiva de que “o normal vem primeiro e a norma se deduz a partir dele” (Foucault, 2008b, p.83). Sob esse prisma, busco discutirmos que a mídia tem, entre suas incumbências, a de gerar significados que auxiliem na construção da realidade e não somente de retratá-la. Esse é o processo de gerar novas práticas.

METODOLOGIA

A metodologia aqui empregada é de estudo de caso, com pesquisa prévia da realidade da inclusão da pessoa com deficiência na mídia televisiva brasileira, identificando a primeira mulher PCD a atuar no cenário nacional e dados do cenário na Paraíba, como amostragem regional.

A fase seguinte da pesquisa foi eleger o personagem Daniel Toco, pois, a emissora Rede Record levou mais de 6 décadas para incluir um profissional com deficiência, jornalista, como repórter no vídeo. Em sequência, a escolha das três reportagens utilizou como critério temas distintos, buscando algum distanciamento entre elas, para que pudéssemos ter diferentes atuações do profissional, em diferentes contextos, mostrando sua capacidade de inovar e, portanto, de como a inclusão é algo possível e transformador. Os dados são analisados sob a ótica da inclusão, de forma a suscitar o debate, não conclusivo e, sim como meio de promover o despertar para mais novos fazeres jornalísticos inclusivos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como apresentado, na Paraíba, não há pessoas em situação de inclusão e vulnerabilidade realizando trabalhos midiáticos com projeção nas emissoras e veículos de comunicação de forma oficial. Quando ampliamos a busca pelo Brasil, o resultado é distante de um cenário inclusivo : localizamos, na TV Globo, desde 2010, apenas uma mulher, tetraplégica, jornalista, desempenhando função de repórter, Flávia Cintra. Nacionalmente, Flávia ficou conhecida como repórter do semanal de veiculação nacional “Fantástico”, exibido nas noites de domingo pela emissora, sem constância. Atualmente, ela também é repórter local do Bom Dia SP. De lá para cá, pouca coisa mudou no cenário, como a inserção de Fernando Fernandes, paratleta, como apresentador, mas não jornalista, no vídeo. Recentemente, desde 2020, a TV Record incorporou um profissional com deficiência ao seu corpo telejornalístico. É o repórter Daniel “Toco”, que comanda o quadro “Cidade Alegre” no programa Balanço Geral do Rio de Janeiro e faz participações no semanal Domingo Espetacular da Tv Record. Daniel “Toco” atuou nos bastidores por 4

anos. Só em 2020, migrou para o vídeo, depois de mais de mais de 60 anos de existência da emissora no país sem nenhuma pessoa com deficiência atuando na TV Record, reforçando o conceito empírico de que pessoas com alguma limitação atuam “nos bastidores”. Longe do novo.

Foram analisadas reportagens, onde se tornaria perceptível a identidade do repórter no sentido de apresentá-lo, não como pessoa com deficiência, mas como “especial, como eu e você”, frase usada por Daniel Toco em suas introduções. Na reportagem 1, onde o tema é natalino, Daniel Toco aborda pessoas nas ruas para discutir sobre as brigas de família nesta época, que, tradicionalmente, ocorreriam durante a ceia. O repórter, então, assume a função de reconciliador. Em nenhum momento, o profissional é apresentado como “pessoa com deficiência” e, da mesma forma, a sua condição não interfere na mensagem e desempenho. Não há apelo sensacionalista, nem nada que o diferencie de outro profissional em sua práxis.

Na segunda reportagem do recorte, Daniel entrevista pai e filho que vão saltar, juntos, de pára-quedas. Ambos são atletas e exercem função militar. Na história apresentada por Daniel, o pai, atleta de alta performance, vai passar os ensinamentos para o filho, ambos pára-quadistas campeões. O repórter fez um salto assistido, como protocolo de segurança. O foco, mais uma vez, foi a narrativa, não a deficiência do repórter, sempre introduzindo a prática inclusiva e dando o exemplo de que é possível inovar, incluindo.

Na terceira reportagem analisada, dessa vez no semanal Domingo Espetacular, Daniel Toco apresenta a história de um surfista, hoje com deficiência, por ter perdido os dois braços em um acidente com descarga elétrica, mas que não deixou de surfar. Jonas Letieri, de 35 anos, é campeão nacional e internacional de surf adaptado. Na reportagem, Daniel Toco mostra como o personagem ressignificou a vida e o esporte após o acidente.

O que entendemos ao analisarmos as reportagens selecionadas é que, com a diversidade dos personagens de inclusão, posto que há, nas diversas etnias, diferentes limitações e são peculiares, assim como necessidades diferenciadas por gênero, todos os seres humanos podem necessitar de algum tipo de inclusão. Essa, segundo Bauman (2005), é uma causa mundial e não uma temática “exclusiva” de esse ou aquele grupo. Daniel Toco, e outros poucos na mesma situação e que atuam, seriam vozes ocasionais, ainda, em um universo de 45 milhões de pessoas com alguma deficiência no Brasil, conforme pesquisa do IBGE em 2019. Os elementos a serem inclusos não são dispensáveis, ou esquecíveis. Eles são o novo fazer, a nova práxis necessária. Embora a presenciemos como temporária na mídia televisiva, incluir os excluídos deve ser uma situação definitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se somos, igualmente, diferentes e limitados, seríamos, portanto, em nossa totalidade, suscetíveis à inclusão e expostos à exclusão. Nosso objeto de estudo, Daniel Toco traz à tona dois pensamentos importantes: o primeiro, seria o de evidenciar a potencialidade do profissional, em detrimento de sua

deficiência. O segundo é a lacuna que existe: um padrão a ser despadronizado. E isso, por si só, já gera a necessidade inclusiva de inovar, incluir, tornar acessível o próprio profissional com deficiência. Um jornalismo novo, com um preconceito velho a ser jogado fora. O sujeito demanda ser apresentado como um processo histórico em que o seu desempenho é, também, uma construção histórica (Dreyfus; Rabinow, 1998. p. 333). É na desconstrução dessa uniformização que estaria o meio de excluir a necessidade de inclusão para que o padrão seja não ter padrão.

Portanto, cabe à sociedade, assim como à mídia, o papel de inclusão. O lugar passivo do telespectador ao se estimular pela presença de raros casos de profissional com deficiência não transformará o tecido social em mais inclusivo. É necessário que a educação para a inclusão seja parte, natural, do processo. Em Hillesheim (2008, p.78-79), citando Platão, ele nos lembra que o filósofo já considerava a infância uma ferramenta política, pois, exatamente a partir da extensão educacional que a convicção ganha forma. Na cultura histórica da exclusão, onde, desde os tempos bíblicos os diferentes eram expurgados e necessitavam de isolamento e purificação, como os leprosos (Levíticos 8-10), percebemos que a maior deficiência é o preconceito. Ele, sim, é contagioso. Mas, a inclusão pode ser contagiante.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Castel, R. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?** Petrópolis: Vozes, 2008.

Dreyfus, H. L.; Rabinow, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Fischer, R. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acessado em: 1 de junho de 2022.

Fischer, R. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS/Faced. Tese de doutorado. 1996. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10281/000188015.pdf?...1>>. Acessado em: 18 de maio de 2022.

Hillesheim, B. **Entre a literatura e o infantil: uma infância**. Porto Alegre: Abrapso-Sul, 2008. Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/04/Resolucao-39-AnexoPlano-8_-Regi_o-de-Sa_de-PcD-06.09-Corrigido.pdf>. Acessado em: 1 de junho de 2022.

Lopes, M.C.; Rech, T.L. Inclusão, biopolítica e educação. **Educação**, Porto Alegre, 2013, v.36, n.2, p. 210-219. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/12942/9452>>. Acessado em: 26 de maio de 2022.